

**MICHEL FOUCAULT: SOBRE A PARRESÍA E O CUIDADO DE SI NA
CONFERÊNCIA DE GRENOBLE**

**MICHEL FOUCAULT: ABOUT THE PARRESÍA AND THE CARE OF SELF
AT THE GRENOBLE CONFERENCE**

Recebido em: 17/04/2023

Aceito em: 23/04/2023

Daniel da Rosa Eslabão¹ 

Resumo: Este artigo se originou do estudo da conferência ministrada por Michel Foucault na cidade de Grenoble (1982). Nosso objetivo aqui é analisar a relação entre *Parresía* e *L'ethique du souci de soi*, neste momento teórico do autor. Utilizamos como suporte principal de nossa investigação, algumas obras de Platão aos quais faz referência e publicações posteriores do sábio francês no qual os conceitos perscrutados são desenvolvidos (FOUCAULT, 2010, 2011). Percebemos que o uso do termo parresía remonta ao contexto grego antigo e que os diálogos socráticos são uma importante fonte para a compreensão deste tema, em destaque ao Górgias. Nossa leitura concluiu que *parresía* e cuidado de si se encontram intimamente relacionados no contexto da filosofia de Sócrates, que há um conjunto de técnicas e procedimentos que as permite desenvolver e que a partir das contribuições do eminente sábio francês temos novas lentes para ler a filosofia dos antigos.

Palavras-chave: Parresia; Cuidado de si; Ética.

Abstract: Abstract: This article originated from the study of the conference realized by Michel Foucault in the city of Grenoble (1982). Our objective here is to analyze the relationship between Parresía and L'ethique du souci de soi, in this theoretical momento of the author. We used as the main support o four investigation, some Works of Plato to which he do reference and later publications of the French scholar in the scritinized concepts are developed (FOUCAULT, 2010, 2011). We noticed that the use of the term parresia dates back to the ancient Greek contexto and the Socratic dialogues are an important source for understanding this theme, specially the Gorgias. Our Reading concluded that parresia and Self-care in the Socratic Philosophy. There is a set of techniques and procedures that allow then to be developed and that, based on the contibutions of the eminent French scholar. We have new lens to read the philosophy of old age.

Keyword: Parresia; Care of Self; Ethics.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault (1926-1984), foi um intelectual eclético que circulava tranquilamente por diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, qualidade esperada de um professor do *Collège de France*, cuja titularidade disciplinar era *História dos Sistemas de Pensamento*. Os temas da *palavra*, do *falar* e do *escrever* não são em sua obra dissociadas das relações de poder. Desde *As palavras e as Coisas* (1966) até suas últimas conferências notamos a influência

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade do Porto, Portugal. Aluno do Programa de Doutorado em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES. E-mail: sociologiabrasil@yahoo.com

de Nietzsche e do *método genealógico* de refletir, pesquisar e entender não apenas a origem e transformação dos significados e dos valores como também no modo de ser e de viver dos seres humanos no transcurso do tempo (NIETZSCHE, 2009), jogando luzes sobre o passado, como um historiador e municiando o pensamento na compreensão e inspiração, para o viver presente como é esperado de um bom filósofo. Muitos textos de Foucault, só vieram a público nos últimos anos, postumamente. Seus últimos dois cursos (*O Governo de Si e dos Outros*, 1983; e *A Coragem da Verdade*, 1984) abordaram o tema da *Parresía* no mundo antigo, localizando-a especialmente nos campos da política e da ética. Sendo um tema presente tanto na literatura, quanto na filosofia. Na literatura, haverá uma referência especial ao dramaturgo grego Eurípedes (FOUCAULT, 2011). Referência que não está presente, nesta conferência de Grenoble. Na filosofia há desenvolvimentos diversos do uso do termo. Neste estudo enfatizaremos o uso que Sócrates realiza, especialmente no *Górgias*. Mas julgamos apropriado lembrar que na filosofia tardia de Foucault, existem inúmeras outras menções e comentários aprofundados sobre esta *técnica*, assim o entendemos. Algo que pode ser ensinado, aprendido, exercitado, mas que, no caso da ética, resulta sobre si mesmo, a alma como objeto de perfeição. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário, como enfatizava Foucault, a partir da leitura de tantos pensadores antigos, de Sêneca a Marco Aurélio e Plínio, o moço: “*É preciso dizer a verdade sobre si mesmo*” (FOUCAULT, 2011, p. 09). Veremos na seção a seguir o significado geral e o uso do termo *parresía* na obra foucaultiana tardia, para em seguida percorrermos o conceito de Cuidado de Si (*souci de soi*) no contexto dos ensinamentos da Conferência ministrada em Grenoble em 18 de maio de 1982 (FOUCAULT, 2017). Desejamos demonstrar o quanto ambos os conceitos estão relacionados.

Acreditamos que a pesquisa desenvolvida pelo célebre pensador francês, acerca da ética dos antigos, reconstrói em uma abordagem genealógica procedimentos de aperfeiçoamento pessoal presente na escola dos antigos e que nos permite refletir nosso próprio tempo.

PARRESÍA

O termo *parresía*, na obra de Foucault, apresenta múltiplas interpretações, pois são esmiuçados contextos específicos em diferentes atores sociais, períodos e contextos. Em um sentido amplo, pode ser definida como o *falar franco*, o *dizer tudo*; em inglês às vezes é traduzido como *fearless speech*, ou o *discurso sem medo*, às vezes por *speak all*; falar tudo, sem reservas. Dentre as obras trágicas gregas, o autor destaca o *Íon* de Eurípedes, como um dos

registros mais antigos do termo. Nesta obra o dizer a verdade é apresentada sob a forma de um *direito*, um *dever* e um ato de *coragem*. Na filosofia dos Cínicos, ela estaria associada a um modo estético de viver a filosofia e de sentir a vida. Especialmente nas manifestações de Diógenes de Sinope.

Neste sentido, a vemos como um capítulo relevante para pensarmos o cuidado de si e com os que nos cercam. Ou ausência de cuidado, se considerarmos os atos de rudeza que podem emergir em tais práticas. Por isso, Foucault afirma que o termo é ao mesmo tempo, *polivalente* e *ambíguo* (FOUCAULT, 2011). Uma das definições econômicas que aplica a esta palavra é simplesmente: “o termo *paresia* (...) é encontrado designando com frequência outras formas de fala franca, filosófica, de palavra livre e verídica” (FOUCAULT, 2011, p. 145). Cerca de dois anos antes do ciclo de *A Coragem da Verdade* (1984), Foucault proferiu uma Conferência na cidade de Grenoble, cujo título era justamente *Parresía* (maio de 1982). Agora, o célebre pensador assinalou a presença do falar franco em três obras de Platão, demarcando seus usos na *República*, nas *Leis* e em *Górgias*. Nosso intuito é demarcar estes momentos teóricos do ano de 1982, preliminar e antecedente as reflexões posteriores e mais conhecidas (FOUCAULT, 2010. 2011).

Recentemente, veio a público tanto a conferência ministrada na cidade alpina, com outra apresentada na Universidade da Califórnia em Berkeley (1983), reunidas em língua espanhola sob o título de *Discurso y verdade* (FOUCAULT, 2017). Na seção seguinte, nos propomos a analisar as três contextualizações supracitadas nos diálogos platônicos. Cabe aqui, apenas distinguir dois aspectos fundamentais da *parresía*. O Primeiro é o político, no qual para Foucault, Platão tem um significado importante. Pois, este filósofo antigo aponta para dois usos do falar sem medo em contextos completamente distintos. O primeiro deles está situado no livro oitavo da República, no qual é colocado em evidência um modo negativo do exercício parresiástico: a pretensão ao direito de se dizer tudo e sem critério, de modo desordenado e sem medida (*República*, 557b). Esta forma seria emblemática do período áureo da filosofia ateniense, mas já marcada pela decadência da democracia, na qual seu mestre Sócrates foi condenado, portanto, criticada por Platão. Não muito tempo depois, Atenas, a prestigiada cidade Ática, cairia sob o domínio macedônico.

O segundo uso da *Parresía* apontado por Platão está no seu livro *Leis*, no qual destaca o uso da *parresía* em um contexto inusitado, a tirania. Reporta-se ao regime de Ciro, o imperador persa, que permitia aos seus súditos falarem livremente (*Leis*, 649b e 835c).

Observamos, que para um Império em expansão, como aquele a qual se referia, em situações beligerantes e de riscos estratégicos constantes, esta qualidade era-lhe muito útil. Neste caso, assinalamos a emergência e consagração da figura dos conselheiros reais e dos príncipes que figurariam ainda por muito tempo nas cortes ocidentais e do oriente (FOUCAULT, 2017).

Em muitos momentos da sua fase tardia o sábio francês expressou sua atenção com os temas aqui estudados. Percebemos que sua intenção estava mais associada não ao problema de simplesmente dizer a (sua) verdade, de uma maneira geral e livre, ou ainda de conhecer e dizer a verdade de uma proposição (como no raciocínio lógico), mas no uso que se faz do *falar franco* em uma situação ética específica. Este falar, sem medo, teria, para ele, uma função na construção de uma vida verdadeira (*true life*) e voltada ao melhoramento de si. Encontramos pistas deste modo de ser da *parresía* a partir de Sócrates, que reflete uma condição muito particular e distinta dos usos políticos do termo.

No diálogo Górgias, há referências ao uso do falar franco, no qual o mestre de Platão (Górgias, 487b). Elencará, então, três qualidades indispensáveis para comprovar a retidão de uma alma: a ciência (*epistème*), a benevolência (*eunoia*) e a disposição em falar (*parresía*), conforme podemos ler:

Tenho certeza de que, pelo que você concorda comigo sobre o que minha alma pensa, isso já é a própria verdade." Pois eu observo que quem quer que faça uma verificação suficiente sobre se uma alma vive retamente ou não, deve ter três coisas [e como eu observo; M. F.] você tem [eles]: ciência [episteme], benevolência [eunoia] e decisão de falar [parrhesia]. Na verdade, encontro muitos que não são capazes de me testar porque não são sábios como você; outros são certamente sábios" (PLATÃO, 2007, p. 104).

Trecho este destacado nas lições de Grenoble (FOUCAULT, 2017). O uso dos termos ocorre em um dos tradicionais banquetes, desta vez oferecido pelo homenageado com o nome título do diálogo. Trata-se de uma atmosfera intimista, uma reunião entre amigos, ou ao menos convivas habituais. Temos então, um contexto completamente diferente do que aquele descrito anteriormente (*Leis e República*). Esta será a vertente a qual exploraremos na nossa investigação acerca da relação entre *parresía* e cuidado de si (*Souci de Soi*). Nas palavras de Foucault: “*Temos aí, me parece, a primeira formulação no pensamento grego da parresía como elemento constitutivo e indispensável da relação entre as almas. Quando uma alma cuida de si mesma quando quer ocupar-se desta epimeleia heautou que é fundamental, quando quer therapeuesthai a si mesma, atender-se, necessita de outra alma, e essa outra deve ter parresía*”

(FOUCAULT, 2017, p. 27). Temos então, a referência ao texto de Górgias, onde a *parresía* é apresentada como, em primeiro lugar associada e de modo indispensável a quem deseja melhorar, ou curar a si mesmo. Registramos então, uma qualidade especial de Sócrates, além de saber que nada sabe, ele aconselha a conhecer a si mesmo (*γνώθι σεαυτόν*) como era o mandamento do templo délfico. Na obra de Foucault há o uso do termo: *ἐπιμέλεια ἑαυτοῦ*, como poderíamos traduzir por “o cuidado para consigo mesmo”. Visamos, a seguir, a partir das indicações provenientes de Grenoble buscar a relação entre *parresía* e cuidado de si, o que constitui um momento teórico importante na construção da fase tardia do autor e prolegômenos as famosas conferências de Paris de 1983 e 1984 (FOUCAULT, 2010, 2011). Veremos na próxima seção, o quanto a *parresía* e o cuidado de si se encontram nas lições de Grenoble relacionadas, tendo em vista o seu projeto de construção de uma visão estética da existência.

O CUIDADO DE SI NA CONFERÊNCIA DE GRENOBLE

Nesta seção, temos como objetivo principal demonstrar a relação entre o cuidado de si e a *parresía*. O quanto o estar exposto a franqueza no falar é indispensável para quem deseja cuidar de si mesmo. A palestra proferida em Grenoble é de suma importância para a compreensão do tema da *parresía* na fase tardia de Foucault. Em primeiro lugar, por antecipar temas e discussões que serão aprofundadas somente nos seus últimos cursos, embora de forma econômica, pois se referem ao que foi possível expor pelo autor em apenas um dia (18 de maio de 1982). Observamos, que as célebres aulas que originariam a Coragem da Verdade, neste momento a própria filosofia é entendida a partir da instrumentalização e dos fundamentos teóricos que tornaram possível desde a antiguidade as práticas relativas ao cuidado de si (*epimeleia heautou*). Para Foucault o diálogo era um instrumento da *parresía* (FOUCAULT, 2017), tanto quanto da construção da subjetivação (KELLY, 2009).

Como podemos imaginar, tendo em vista o método genealógico desenvolvido pelo autor, não encontraremos uma conceituação unívoca da *parresía*. Não obstante a diversidade polissêmica do uso histórico e filosófico do termo pelo autor, o aspecto mais relevante do seu uso, em nosso entendimento se refere a sua relação com o tema do “cuidado de si”, referindo-se à atenção que devemos prestar a nossos próprios atos e falas, que pode ser compreendido ao mesmo tempo como um senso de responsabilidade consigo próprio e com o meio no qual vivemos (FOUCAULT, 2010, 2017, 2011), como prática social e na ética da vida. Como

podemos ver: “*Em primeiro lugar a parresía permite reivindicar a questão da Bios Philosophikos, a vida filosófica*” (FOUCAULT, 2017, p. 16).

Esta prática é para o autor uma “atitude ética” do sujeito. Ponto de partida para se agir de acordo com princípios de racionalidade e justiça. No entanto, o convívio social é importantíssimo para o exercício do autoaperfeiçoamento. Pois, sendo cada um de nós dotados de limitações em relação à percepção de si, a vida em sociedade, ou ao menos em comunidade, atenderia a este fim pessoal, no aprimoramento próprio. Livrando o homem das ilusões que pode ter a respeito de si e da cegueira em relação as próprias limitações e imperfeições. A vida social ou ao menos comunitária é destacada pelo autor neste aspecto no suporte ao *cuidado de si*, que ao lado do conceito de *parresía* se apresentam como categorias fundamentais para o entendimento do “último Foucault” (FOUCAULT, 2010, 2011, 2017).

Não obstante, haja um destaque especial para as contribuições do filósofo estoico romano Sêneca, acerca da vida amigável, em muitos momentos da filosofia foucaultiana, não nos deteremos neste referencial, buscaremos explorar a vertente socrática destes temas, tendo como base especialmente os textos do “Foucault tardio”, quanto o apoio do Diálogo Górgias ao qual daremos uma atenção especial no final deste artigo. Em nossa leitura, veremos como Sócrates pode representar a função de Mestre e guia não apenas para o conhecimento da verdade, como para o “conhece a ti mesmo”, como da *epimelia heautou* (“aperfeiçoa a ti mesmo”). Tomando uma licença poética, poderíamos dizer que em uma alusão a mito grego de Ícaro, a filosofia operaria como o fio de Ariadne na condução para fora do labirinto da ignorância, sendo o pior de todas as formas do não saber: a vida na ilusão e desconhecimento próprio. Lembramos aqui, que para Sócrates e Platão, conhecimento e bem são indissociáveis. Conhece a ti mesmo e serás melhor.

Neste contexto destacamos que o autor enfatiza dois aspectos da parresia; que, sob o ponto de vista da *epimeleia* tem especial importância, a primeira como *jogo* e a segunda como *técnica*, a estas ele se refere repetidas vezes, como *práticas de subjetivação* (KELLY, 2009). Tão importante para ele quanto as *formas de intersubjetividade*. Encontramos uma passagem do autor que é quase poética a este respeito: “*A publicidade da verdade se manifestaria na condução exterior da sua vida, ao teatralizar em seu corpo, ao fazê-lo resplandecer em atos mudos, comportamentos concretos. A Parresía realiza a verdade em sua vida. Sócrates, tal como aparece no Laques de Platão, é o músico que faz vibrar uma harmonia ideal entre suas*

palavras e seus atos” (FOUCAULT, 2017, p. 16). Eis aqui, uma manifestação da verdade de ser e de Sócrates como Guia da ética da existência.

Entendemos, a partir dos textos selecionados do autor, que ele percebe, desde Sócrates, uma relação de proximidade entre o auto (conhecimento e aperfeiçoamento). O que implica a disposição em trabalhar sobre si mesmo e de convivência de forma adequada, para que o fim possa ser alcançado.

Da nossa leitura das obras tardias do autor de *O Governo de si e dos Outros*, entendemos que, nesta fase dos seus escritos, há uma proposta de mudar o eixo tradicional da filosofia, voltadas para o conhecimento, a lógica e a argumentação, como encontramos em inúmeros pensadores através dos séculos, dentre os quais poderíamos ter como simples exemplo demonstrativo Tomás de Aquino e a *Suma Teológica*, modelo de filosofar do qual na sua fase tardia Foucault se afasta completamente, para ele a sabedoria dos antigos estava mais em referência ao que denomina da vida filosófica. Importa mais viver do que uma filosofia voltada apenas ao saber.

Em grego, Foucault referir-se a *epimeleisthai heautou*. O autor destaca que para completar o trabalho sobre si é indispensável o suporte do outro, cuja pesada função é *parresía* do discurso. Propomos que haja, em nossa interpretação, um contexto específico no qual o termo deve ser empregado: o discurso do outro, como guia para o aperfeiçoamento. Função que podemos perceber nos textos socráticos (FOUCAULT, 2017).

Este escopo ético implica de um lado a intersubjetividade (*parresía*) e por outro o que os gregos chamavam de *askesis* e que passou para a nossa tradição sob a forma de Ascese de onde os exercícios acéticos significam o trabalho sobre si mesmo, a partir de técnicas apropriadas e que devem ser conhecidas e desenvolvidas. Novamente vemos a aproximação entre o *conhecer* e o *fazer-se-melhor*.

Lembramos aqui uma passagem do Górgias na qual Sócrates fala sobre os cuidados com o corpo, como prolegômenos ao tema do cuidado para com a alma, no qual Sócrates usa a expressão *“incurável úlcera na sua alma”* (PLATÃO, 2007, p. 95), como podemos ler em Górgias, 480b.

Em uma nota de rodapé da tradução espanhola que empregamos para a elaboração deste artigo há uma nota do próprio Foucault que aqui transcrevemos, por julgá-la útil à nossa ilustração:

Lembre-se de que o cuidado de si tem enfim o *paraskeue*, o dotar a alma de discursos verdadeiros, e que devem ser *procheiroi*, utilizáveis. (1) Se o outro é indispensável, é para contribuir para a formação desse verdadeiro equipamento. É porque ele transmite o *logos*. (2) Entende-se então que é ele quem está destinado a falar. Mas é necessário falar de tal forma que possa atuar efetivamente sobre a alma da pessoa a quem se dirige: (3) assegurar que não seja uma simples 'memorização' (4), mas que o discurso verdadeiro apareça carregado de sua capacidade para se tornar uma regra de ação, uma forma de *ethos*. Em tudo isso, é a função *etopoiética* do discurso verdadeiro. (5) A *parrhesia* como liberdade de expressão (em sua intenção, [oposta à] *bajulação*; em sua forma, [oposta à] *retórica*), ajustada às circunstâncias e com o envolvimento do sujeito falante, é a primeira condição dessa função *etopoiética*. Do lado do locutor. (6) A que corresponde, do lado do receptor, o exercício, a *askesis*: [remembrance] *melete*, *Parrhesia* e *askesis* (...) são os dois aspectos da operação *etopoiética* do discurso verdadeiro em sua transmissão” (FOUCAULT, 2017, p. 47)

Em qualquer pesquisa sempre há um monte de notas não utilizadas, mas que refletem o processo de construção do texto, como andaimes de um prédio. A numeração dos tópicos é de nossa autoria, tendo como propósito a compreensão didática do exposto. Comentamos então o final da citação que enfatiza a “*operação etopoiética do discurso*” relativo à finalidade ética do falar franco e sua dinâmica no exercício de autoconstrução em relação ao discurso: rememorar; pois ninguém pode aperfeiçoar-se, se constantemente esquece e repete o erro e para tal a *parrhesía* alheia é auxiliar, e o exercício da *askesis* pessoal, o esforço próprio em lembrar e melhorar.

Como bom leitor de Nietzsche, Foucault é, no final, um filósofo da vida, havendo obras, que aproximam o diálogo entre ambos (ARALDI, 2020). Para ilustrar apenas uma aproximação entre o falar como atributo de poder, o qual certamente nos fará recordar e entender Foucault: “*O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem “isto é isto”, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas*” (NIETZSCHE, 2009, p. 17). Evidentemente, esta frase de Nietzsche se aplica ao direito de falar em uma relação de poder, mais próxima ao campo da política e como exercício público. Diferente do contexto intimista como o que encontramos no Górgias e outros diálogos Socráticos. Mesmo não sendo o foco central de nossa investigação, sabemos que tanto o filósofo alemão, quanto o sábio francês foram leitores de Sócrates e em algum momento, nele se inspiraram. Como podemos ler no capítulo sobre “*Sócrates, a felicidade e a ética do indivíduo*” da Obra “*Nietzsche, Foucault e a Arte de Viver*”, recentemente publicada no Brasil: “*Sócrates, desse modo, segue um caminho diferente do de Heráclito, ao colocar a ética no centro de sua Filosofia. O “conhece-te a ti mesmo” seria uma forma da ética do cuidado de si. Tanto*

Nietzsche quanto Foucault concordam no sentido de que o indivíduo está no centro dessa ética” (ARALDI, 2020, p. 32). Vemos então que para ambos, Nietzsche e Foucault, Sócrates será uma referência filosófica crucial. A este respeito Foucault assinala, que em um certo período da civilização antiga existiu uma cultura popularizada acerca da “cultura de si”, como forma do que anteriormente havíamos nos referido; citamos o autor: “*Em minha opinião a evolução que vai do uso democrático da parrhesía ao uso espiritual; ao uso espiritual da própria palavra parrhesia, é importante para perceber como se desenvolveu este cultivo de si a partir do século IV AC, a partir do Filosofia socrática e platônica, ao estoicismo tardio*” (FOUCAULT, 2017, p. 75). Nietzsche, Foucault e Sócrates são pensadores da autonomia e da autenticidade. Torna-se o que és, esta famosa frase de Nietzsche, inspirada em Píndaro, é uma referência para Foucault, como anuncia em uma entrevista de 1984 (FOUCAULT, 2017, p. 207).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos em primeiro lugar esclarecer o uso e importância da prática da *parresía* na obra tardia de Michel Foucault. Notamos que o autor se utiliza do método genealógico proposto por Nietzsche, e que, portanto, desvenda múltiplos significados terminológico para este conceito. Identifica na cultura grega antiga o primeiro emprego da expressão em um contexto de trabalho sobre si mesmo, *Askesis*. Aponta o diálogo Górgias de Platão, como de especial importância no âmbito da vida ética. Diferente de outras aplicações do termo, associados a vida política, seja na Polis de Atenas (*República*) ou no inusitado contexto de um regime monárquico autocrático como o de Ciro (*Leis*). Nosso estudo foi centrado na conferência de Grenoble de 1982. Consideramos este um momento importante na construção da obra do “último Foucault”. Antecede as lições de Paris, e em certo sentido representa *prima facie* daquelas. No transcurso de nossa investigação percebemos o quanto o autor se preocupa com o tema da estética da existência e de um viver filosófico relacionado as práticas de vida de uma existência ética.

Esperamos ter contribuído, embora de forma modesta, para uma maior compreensão da obra deste importante pensador francês, que precocemente nos deixou. Foucault nos apresenta novas lentes para ler a tradição filosófica. Não pudemos aprofundar alguns veios que descobrimos ao longo da pesquisa envidada. Uma delas, se refere ao personagem Górgias, que tão cordial aparece neste texto, que parece em muitos momentos diferir da imagem tradicional dos sofistas perpetradas pela tradição. Encontramos um texto deste autor no qual ele elabora

um *Elogio à Helena*, nele afirma o poder curativo da palavra, o que o aproxima por demais de Platão, que considerava a mesma como *Pharmakon*, como nos recorda Marilena Chauí, em uma das suas interpretações: remédio (CHAUÍ, 2011). A palavra, tanto no *Górgias* do *Elogio à Helena*, se aproxima de Platão. E, em Foucault, percebemos que o falar franco, em um contexto específico da vida ética, pode sim ser um instrumento de cura, um remédio para a alma. Pontuamos ainda que *Parresía* e cuidado de si, se apresentam, na perspectiva socrática, como práticas diretamente relacionadas.

Não é nenhum exagero, a partir de Foucault, podermos falar de uma terapia dos atos de fala, algo que já foi consagrado em outras tradições científicas, como a psicologia e a psicanálise. Atualmente, vemos uma maior preocupação com o cuidado físico e a aparência; mais do que em relação ao aperfeiçoamento pessoal e das condutas. Por isso, julgamos relevante visitar o pensamento dos antigos através das lentes de Michel Foucault.

Percebemos vínculo teórico relevante entre os conceitos filosóficos éticos da *Parresía* e do que em francês se diz: *Souci de soi* [cuidado de si]. O autor reconstrói em seus argumentos princípios da filosofia ética dos antigos gregos e presentes, tal qual podemos perceber nos diálogos de Platão aqui elencados.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche, Foucault e a Arte de Viver**. (Coleção Dissertatio). Pelotas: UFPel, 2020.

CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de si e dos outros**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Discurso y Verdad: Conferencias sobre el coraje de decirlo todo**. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires, Siglo veintiuno, 2017.

KELLY, Mark G. E. **The Political Philosophy of Michel Foucault**. New York: Routledge, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

PLATÃO. **Górgias**. Trad. Edson Bini. Bauru, 2007.

PLATÃO. **As Leis**. Trad. Edson Bini. Bauru, 1999.

PLATÃO. **República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, s/d.